

A DIMENSÃO EDUCATIVA DO JORNALISMO NO SÉCULO XIX NO DISCURSO DE SENHORINHA DINIZ.

GERLICE TEIXEIRA ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS).

Resumo

Buscamos aqui discutir um tipo de jornalismo específico no século XIX, concebido como instrumento de leitura e de ensino aos leitores, especialmente as mulheres. Partimos do princípio de que o jornal não deve ser pesquisado apenas pelo seu conteúdo ou por sua forma e materialidade, mas também pelos poderes e lugares que ele ocupa na sociedade. O século XIX é o período em que o jornalismo começava a se firmar no Brasil, a partir da chegada da Corte Portuguesa, em 1808. Para a realização desse trabalho, utilizamos exemplares do primeiro ano de veiculação do jornal *O Sexo Feminino*, escrito e editado pela jornalista mineira Francisca Senhorinha Diniz, em 1873, na cidade de Campanha, Minas Gerais. Através da leitura e análise dos exemplares, percebemos a ênfase dada às questões gramaticais e à própria necessidade manifestada de instruir as mulheres brasileiras quanto ao lugar ocupado na sociedade e inseri-las no mundo da leitura. Analisamos os recursos usados pela jornalista para enunciar sua posição de professora e mulher preocupada com a educação e com o futuro das mulheres no Brasil. Analisamos os processos de construção discursiva veiculados no jornal, identificando elementos linguísticos, estratégias argumentativas, visadas do discurso e representações sociais presentes nesse ato de linguagem estabelecido com o leitor. Valemo-nos, como fundamentação teórica, das pesquisas desenvolvidas por Patrick Charaudeau, especialmente o quadro enunciativo e a conceituação das visadas de comunicação. Muito mais do que estabelecer uma visão simplista e panorâmica do que era o jornalismo no século XIX, procuramos caracterizá-lo enquanto manifestação social, perpassando os caminhos seguidos por essa representante mineira.

Palavras-chave:

ensino no século XIX, jornalismo feminino, estratégias argumentativas.

Buscamos, aqui, discutir um tipo de jornalismo específico no século XIX, concebido como instrumento de leitura e de ensino aos leitores, especialmente às mulheres. Partimos do princípio de que o jornal não deve ser pesquisado apenas pelo seu conteúdo, ou por sua forma e materialidade, mas também pelos poderes e lugares que ele ocupa na sociedade. O século XIX é o período em que o jornalismo começava a se firmar no Brasil, a partir da chegada da Corte Portuguesa, em 1808. Para a realização deste trabalho, utilizamos exemplares do primeiro ano de veiculação do jornal *O Sexo Feminino*, escrito e editado pela jornalista mineira Francisca Senhorinha Diniz, em 1873, na cidade de Campanha, Minas Gerais. Através da leitura e análise dos exemplares, percebemos a ênfase dada às questões gramaticais e à própria necessidade manifestada de instruir as mulheres brasileiras quanto ao lugar ocupado na sociedade e inseri-las no mundo da leitura. Analisamos os recursos usados pela jornalista para enunciar sua posição de professora e mulher preocupada com a educação e com o futuro das mulheres no Brasil. Analisamos os processos de construção discursiva veiculados no jornal, identificando elementos linguísticos, estratégias argumentativas, visadas do discurso e representações sociais presentes nesse ato de linguagem estabelecido com o leitor. Valemo-nos, como fundamentação teórica, das pesquisas desenvolvidas por Patrick Charaudeau, especialmente o quadro enunciativo e a conceituação das visadas de comunicação. Muito mais do que estabelecer uma visão simplista e panorâmica do que era o jornalismo no século XIX, procuramos

caracterizá-lo enquanto manifestação social, perpassando os caminhos seguidos por essa representante mineira.

Palavras - chave: Educação no século XIX, estratégias argumentativas, jornalismo feminino.

Introdução

O discurso é uma realidade em nossas atividades languageiras e, a todo o momento, somos convidados a manifestar aquilo que pensamos, a desenvolver os nossos enunciados, a estar nesse jogo comunicativo.

Assim, o homem percebe a necessidade de comunicação, passa a fazer uso dela, manifestando suas intenções, deixando suas marcas e apresentando ao outro sua maneira de perceber o mundo: "O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão" (Charaudeau, 2008, p. 20). Ainda segundo Charaudeau, o sentido do ato de comunicação depende da relação de intencionalidade que se instaura nas instâncias de produção e recepção. (2006, p. 24).

Portanto, seja através de uma atividade mediada (como jornais, revistas, etc.), ou mesmo numa relação face a face, o ser humano expõe-se, manifesta suas intencionalidades, argumenta e, muitas vezes, persuade seu interlocutor através do seu discurso.

Sabendo de todas as instâncias do discurso e dos papéis sociais que aparecem no decorrer do mesmo, analisamos a dimensão discursiva veiculada no jornal do século XIX, *O Sexo Feminino*, escrito e editado pela jornalista mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz. Centramos nosso estudo no primeiro ano de veiculação do periódico, 1873 a 1874. Neste artigo, apresentaremos, primeiramente a realidade sócio-histórica do século XIX, perpassando a instância jornalística, a situação feminina e a descrição do veículo estudado. Posteriormente, analisaremos trechos de alguns exemplares escritos por Senhorinha, em que a dimensão educativa faz-se presente como estratégia de leitura e de inclusão da mulher na sociedade.

Leitura e jornalismo

A prática de leitura no Brasil do século XIX não era algo muito comum, mas é possível perceber que esse foi o pontapé para que se começasse a produzir uma literatura brasileira e, conseqüentemente, a leitura começasse a fazer parte do cotidiano das pessoas. Falar da leitura implica conhecer o campo jornalístico, que também despontou neste período.

No Brasil, o século XIX foi marcado pela chegada do jornalismo como atividade social. A coroa portuguesa percebeu a necessidade de algum meio de comunicação na Colônia e, para isso, disponibilizou o maquinário, com equipamentos antigos de Portugal para trazer ao Brasil. Segundo Borba (1993, p. 29), esse foi um dos passos para a chegada do jornalismo no país, pois as máquinas facilitariam as impressões não só de livros, como também o surgimento de jornais e revistas.

Antes, a leitura era conhecida e realizada no país - mesmo que apenas por uma elite - mas a partir do século XIX, a realidade da imprensa brasileira tendeu a seu aprimoramento. Na segunda metade deste século, há uma proliferação de periódicos, justificada pela estabilização da política e da economia no país: "A partir da segunda metade do século XIX, o Império está com a sua estrutura articulada e firme: consolidou-se para uma larga etapa e tudo ganha aspectos duradouros, parece definitivo. A imprensa, como todo o conjunto da cultura, reflete as transformações da época". (SODRÉ, 1999, p.186).

Os primeiros jornais estavam ligados a questões políticas, especialmente no período de 1830 a 1850 (SODRÉ, 1999). Os escritores utilizavam a novidade desse meio de comunicação para expor suas idéias, para dar visibilidade a uma forma de pensar, a uma maneira de enxergar a realidade brasileira, a política no país, como afirma Sodré (1999):

Lento desenvolvimento, portanto, geralmente iniciado com jornais oficiais, officiosos ou ligados aos governos provinciais. Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo. A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política; aparece antes e cresce mais depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas. (p.105)

Esse ofício teve grande importância na medida em que estimulava a leitura e a própria produção letrada no país, a camada culta, que envolvia intelectuais, estudantes, militares e padres. (SODRÉ, 1999, p. 213).

Com a discussão em torno da dimensão jornalística no século XIX, período em que a atividade não era sustentada nem jurídica nem socialmente; temos a oportunidade de entender de que forma demandava-se do jornalismo uma prática social.

Um perfil do século XIX

O século XIX é marcadamente lembrado no mundo pelas revoluções ideológicas, pelas mudanças de pensamento, pelo positivismo e necessidade de progresso entre os homens. É o tempo em que a burguesia começa a se fazer mais presente no cenário político europeu. A Revolução Industrial, iniciada em fins do século XVIII na Inglaterra, traz um novo modo de produção, de consumo e, conseqüentemente, de novas relações sociais. Os ideais da Revolução Francesa (1789) espalharam-se pelo mundo, levando o grito de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* a todos os cantos dos continentes.

No Brasil, este foi um período marcado por transformações na estrutura política. Em 1822 o país assume sua independência, mas permanece ainda sob a administração de Portugal com a presença do imperador D. Pedro I. Os partidos políticos se organizam, a constituição é elaborada e outorgada em 1824. O período regencial é estabelecido de 1831 a 1840 (marcado pela turbulência das revoltas populares), e em 1840 D. Pedro II assume o governo do país até 1889. O Brasil vivia a realidade escravocrata, do domínio dos grandes proprietários de terra e da economia de exportação.

O século XIX foi também o período do Romantismo, lembrado pela busca da construção de identidade nacional, do resgate da nação brasileira. A figura que mais claramente define o romantismo é a mulher perfeita, doce, frágil, sempre à espera do trovador que virá lhe cortejar. No Brasil, essa idéia foi reproduzida pela *virgem dos lábios de mel*, reafirmando esse imaginário de docilidade, submissão e fragilidade feminina na figura de Iracema[1]1.

A Igreja Católica também se fazia presente, unida ao estado, interferindo na organização familiar e social. Ela era responsável pela permanência e propagação da moral e dos bons costumes: "Na base da ação eclesiástica de combate às uniões consensuais está a concepção cristã do casamento, sacramento que deve sustentar a 'propagação humana, ordenada para o culto e honra a Deus'". (Figueiredo, 2004, p. 171).

A mulher

A sociedade do século XIX privava a mulher da participação política e social, pois o ambiente era tipicamente masculino. Os homens ocupavam as cadeiras das escolas, dos cargos públicos e a vida pública. a mulher praticamente se escondia em seu próprio silêncio: "As mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. A mulher (...) aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era autora" (TELLES, 2004, p.408).

Sobre a educação feminina no Brasil, o relato do viajante B. Debret (apud GOTLIB, 2002, p. 106) ajuda - nos a compreender melhor a situação em que se encontravam as mulheres:

Desde a chegada da Corte ao Brasil tudo se preparara, mas nada de positivo se fizera em prol da educação das jovens brasileiras. Esta, em 1815, se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular de memória, sem saber escrever nem fazer as operações. Somente o trabalho de agulha ocupava seus lazeres, pois os demais cuidados relativos ao lar são entregues sempre às escravas.

Percebia-se, um isolamento da mulher branca no meio doméstico, como afirma (TELLES, 2004):

A situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela. (p.406).

As diferenças entre os gêneros eram bem claras e definiriam também a ocupação de espaços sociais, como afirma (ALVES, 1997):

À mulher caberia a função de mantenedora do lar, baseada nas suas características tidas como "naturais": docilidade, afeto, paciência, doação, entrega. E ao homem, o de provedor, pela sua suposta força física e intelectual, liderança e objetividade. As descobertas científicas; a teoria determinista de Taine, a seleção natural de Darwin, o positivismo de Comte, que ocorreram no século XIX, vieram corroborar a falsa idéia de especificidades de gênero. (p.121).

Uma das poucas carreiras possíveis às mulheres era o magistério. As escolas normais - responsáveis por formar e instruir as futuras professoras - significavam uma oportunidade de trabalho e sempre atraíam muitas moças. As mulheres que conseguiam se instruir, sendo essas representantes de uma elite, lecionavam também em suas próprias casas.

Como Nisia Floresta, outras mulheres brasileiras se envolvem no mundo das letras, mais visivelmente a partir da segunda metade do século XIX. Elas passam a lutar por direitos "adormecidos", pela possibilidade à educação e, mais tarde, pelo sufrágio universal (DUARTE, 2003):

E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever. (p.3).

É nesse ambiente que a jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz aparece, apresentando às mulheres o cenário das letras e das artes e incentivando-as a fazer parte do mesmo.

O ofício de Jornalismo

Relatando o contexto do século XIX, Sodré (1999: 128) afirma que "a imprensa continuou no seu papel, refletindo as contradições sociais e políticas e influenciando no andamento dos acontecimentos". Ainda segundo Sodré (1999), a partir da segunda metade do século XIX, o Império está com sua estrutura articulada e firme, vivendo características duradouras que influenciam na cultura e também na imprensa.

Morel e Barros (2006) afirmam que os redatores formavam uma miragem a respeito do público leitor de seus jornais, com o objetivo de consolidar as alianças entre a elite cultural e a elite dominante. Buscava-se criar (ou imaginar) um público homogêneo, idealizado. "Pobreza e falta de instrução seriam, pois, as características marcantes do público que era visto como passivo, na medida em que cabia a ele receber as luzes vindas dos letrados e esclarecidos". (MOREL e BARROS, 2006, p. 41).

Após a segunda metade do século XIX, observamos a proliferação dos jornais, dos folhetins e de publicações efêmeras. Um dos fatores que fizeram com que as tiragens e o número de periódicos aumentassem significativamente foi o folhetim, termo que designava o largo rodapé da primeira página do jornal: espaço destinado a piadas, charadas, receitas, novidades, historietas e cartas. (MOREL e BARROS, 2006).

Os jornalistas viam-se também como educadores, assumiam a função de ensinar os leitores aquilo que sabiam, de formar, esclarecer e educar: "os homens de letras se apresentavam como cidadãos e escritores ativos, como construtores da opinião que almejavam conduzir a sociedade a algum tipo de progresso e de ordem nacional" (MOREL e BARROS, 2006: 43). Eram os formadores da opinião pública. Eles "desejavam contribuir para incorporar à sociedade as camadas que, de classes perigosas ou ameaçadoras, poderiam se transformar em elementos úteis e integrados, por meio da educação e da cultura, ao trabalho e a um determinado grau de cidadania". (MOREL e BARROS, 2006, p.41).

Sobre a atuação feminina, Gotlib afirma que "a maioria das mulheres escritoras da época acumula à atividade da escrita, um trabalho didático, mais ou menos profissionalizado, e um trabalho jornalístico, na divulgação das propostas de teor feminista, mais ou menos politicamente engajado". (GOTLIB, 2002, p.114).

O Sexo Feminino - jornalismo que instrui

O Sexo Feminino é o nome do periódico de propriedade da jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que também editava e redigia o jornal. O primeiro ano de publicação do jornal (1873-1874) foi feito na cidade de Campanha,

no sul do estado de Minas. Em 1875, Senhorinha Diniz mudou-se para o Rio de Janeiro com uma proposta de trabalho para lecionar na Corte. A escritora continuou com as edições de *O Sexo Feminino*, mesmo com a mudança da cidade de Campanha. Todas essas alterações foram explicadas no próprio veículo.

O jornal era classificado como um *semanário literário, recreativo e noticioso dedicado aos interesses da mulher*². Trata-se de um jornal direcionado ao público feminino, fato observado logo na capa do veículo, onde lemos: "Especialmente dedicado aos interesses da mulher". As redatoras do jornal são principalmente da família de Senhorinha Diniz - ela, como redatora principal e suas filhas como colaboradoras, Amélia, Albertina e Elisa Diniz.

Com relação ao conteúdo informativo, são abordados temas como culinária, literatura, anatomia, normas gramaticais, cultura, anúncios de produtos e divulgação de notícias. Em 20 de setembro de 1873 aparece o primeiro folhetim, *Vozes de Animais*. A seção *Noticiário* trazia ao leitor notícias, acontecimentos envolvendo a participação feminina no Brasil e no mundo. A seção *Variedades* abrigava normas gramaticais e dicas de ortografia. Tal proposta mostra-se concordante com as visadas informativa e de instrução, objetivando o esclarecimento do público que lê o jornal.

Através da leitura das edições do jornal, percebemos que ele é direcionado para um público instruído, ou pelo menos era isso que a redatora almejava. A partir da motivação de luta por direitos femininos e até pelas citações teóricas que faz, percebemos que a jornalista escrevia para um público mais intelectualizado e instruído, capaz de entender as reivindicações e acompanhar a luta feminina. Segundo Charaudeau (2008), podemos afirmar que esse seria o destinatário desse discurso, o *Tud*.

No exemplar 14,3 Senhorinha convoca as mulheres a enviarem seus trabalhos, seus escritos para serem publicados. Percebemos, nessa atitude, não só um incentivo, mas também um direcionamento para a classe feminina, um convite para que elas saíssem do anonimato a fim de serem conhecidas e terem seus trabalhos apreciados pelo público brasileiro.

Dentre as visadas classificadas por Charaudeau, notamos o uso das visadas patêmica, incitativa, informativa e de instrução. O jornalismo é visto como instrumento para educar e incitar as mulheres à leitura. Senhorinha Diniz deixa claro seu objetivo ao enunciar: "É para formal-as que se esforça o Sexo Feminino, dirigindo-se diretamente às mães de família".⁴ Ainda neste exemplar, ela continua: "...animadas pelo Sexo Feminino, que, na actualidade, parece ser o único meio que possuímos de despertal-as, levando-nos a suprema perfectibilidade de que somos susceptíveis".

No exemplar de 15 de novembro de 1873, Senhorinha Diniz questiona: "Como hade educar quem nunca foi educada?". Percebemos aí uma visada incitativa, de *fazer fazer*, buscando, através do questionamento, provocar nas mulheres uma inquietação a respeito da educação dos filhos, do seu papel na sociedade. Percebe-se até mesmo, uma visada patêmica, despertando nas mulheres esse desejo de aprender, de ser instruída, em função dos filhos e do próprio papel social da mulher nesse período.

A jornalista continua com a sua função de esclarecedora e reveladora da verdade, procurando manifestar nas mulheres essas inquietações e encaminhá-las ao mundo das letras:

É tempo de darmos o grito de nossa independência, de nossa emancipação do jugo ferrenho em que temos até agora vivido, proclamando alto e bem alto a nossa capacidade para certos empregos públicos, e muito principalmente para o magistério onde daremos a mocidade de ambos os sexos educação e instrução. (exemplar 13, 29 de novembro de 1873).

Em janeiro de 1874, a jornalista escreve um artigo intitulado *Influência da educação maternal sobre os filhos*⁵. Nesse artigo, Senhorinha especifica sua intenção discursiva:

Mães! Não se assustem com o grandioso título de educadoras! Não, nós não queremos impor-vos estudos pedantescos, nem deveres austeros; é à felicidade que pretendemos conduzir-vos: são os nossos direitos postergados, que desejamos reaver; são as vossas forças e a vossa soberania que invocamos; é em fim, convidando-vos a percorrer a estrada afortunada da virtude e do amor que nos propuzemos a pedir que vos instruais, para que possais educar vossos filhos nos sãos princípios de moral.

No exemplar 8, Senhorinha inicia seu discurso com o título "O que queremos"⁶, momento em que ela afirma especialmente as necessidades de instrução da mulher e através de seus enunciados reivindica a educação para a mulher.

Seguindo o quadro enunciativo da situação de comunicação, proposto por Charaudeau, percebemos a enunciação da professora e da mulher preocupada com a educação e com o futuro das mulheres no Brasil.

Com o intuito de despertar as mulheres e incitá-las ao ensino, Senhorinha projeta para o discurso a enunciadora engajada com as questões sociais, com os direitos e com a instituição *família*. Vemos o direcionamento dado às mulheres, mães de família, manifestando assim a preocupação dela com esse grupo da sociedade. Segundo Charaudeau (2008):

A noção de estratégia repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos - de persuasão ou de sedução - sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar - de modo consciente ou não - com o sujeito destinatário ideal (TUd) construído por EUc. (p.56)

O jornal torna-se o meio pelo qual se comunica uma mensagem, uma idéia, uma causa; é através dele que se constroem o imaginário e a representação social, que se veicula a caracterização dos seres de fala do discurso.

Portanto, verificamos que a enunciadora do discurso mostra-se uma mulher responsável por revelar aos outros, aquilo que ainda não o sabem, tanto aos homens (que a mulher tem a capacidade de aprender uma profissão e fazer parte da sociedade letrada), como às mulheres (que elas podem e devem se instruir para bem educar seus filhos). Vemos assim, a finalidade informativa e instrutiva do discurso.

A jornalista se apresenta ainda como portadora de uma visão do todo, como quem é capaz de observar, analisar e julgar o que acontece ao seu redor. Essa projeção assemelha-se ao que entendemos hoje como sendo função do jornalista: "o jornalista pretende ser didático, aspirando ao papel de educador da opinião pública" (Charaudeau, 2008, p. 78).

Considerações finais

A partir das observações feitas no discurso de Senhorinha Diniz e através das visadas e da idealização do sujeito destinatário dessa enunciação; percebemos que há semelhanças entre o discurso didático e o discurso jornalístico/ informativo.

Sabemos que o discurso nunca é isento de intenções, ele traz consigo marcas enunciativas que revelam os objetivos daquele ato de linguagem. Assim, a posição do jornalista, do detentor do conhecimento que busca o *fazer saber*, levando informação e atualização aos outros se assemelha à função do educador, que também pretende esclarecer, informar e ensinar aos seus destinatários. Cabe, portanto, o questionamento: o jornalismo serve também para educar? Para instruir? Pensando na situação sócio-histórica do século XIX, podemos arriscar a dizer que uma das intenções da situação comunicativa do jornalismo seria sim instruir e educar, incentivar a leitura.

Notamos que Senhorinha assume a posição daquela que também tem a função de mudar, de alertar, de *fazer saber* e *fazer crer*, como o jornalista que clareia, que mostra o verdadeiro (*efeito de verdade*), que tem o *dever* de expandir seus saberes, de compartilhá-los com seus leitores, destinatários. Nesse caso, vemos que muito mais do que *fazer saber*, Senhorinha pretende *fazer crer* determinada realidade: que a solução, a resposta à necessidade de mudança e progresso na sociedade está na educação e instrução da mulher. Essas características estão de acordo com o que propõe Charaudeau sobre a finalidade do contrato de comunicação "uma visada de fazer saber, ou visada da informação propriamente dita, que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão; uma visada de fazer sentir, ou visada de captação, que tende a produzir

um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência" (2007, p. 86).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Rubens de Moraes. A impressão régia do Rio de Janeiro: origens e produção. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida e MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da impressão régia no Rio de Janeiro (1808-1822)**. São Paulo: Edusp, 1993.

CASTRO, R. C.R.; MELO, Mônica Santos de Souza. O efeito patêmico como estratégia persuasiva no Discurso Religioso. In: GOMES, M. C. A. (Org.); MELO, M. (Org.) ; CATALDI, Cristiane (Org.) . **Gênero Discursivo, Mídia e Identidade**. Viçosa - MG: Editora da UFV, 2007, v. 1, p. 115-124.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. (Org.). **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: CONTEXTO, 2008. v. 1. 256 p.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. In: Mulher, mulheres. São Paulo: Estudos Avançados, 2003. v. 17. n° 49.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais p.141 -188. In: PRIORI, Mary Del; BASSANEZI, Carla (orgs). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 7 ed.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassaezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. (p.111-153)

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4ed.

SOIHET, Rachel. **Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero**. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, V.9 N. 01/02, p. 99 - 124, 1996.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. P. 401-442. In: PRIORI, Mary Del, BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 7 ed.

1 Iracema é o nome do livro publicado por José de Alencar em 1865. Este era também o nome da personagem principal do romance, a bela índia. Ela representa a exuberância da natureza, a harmonia das florestas em contato com a colonização brasileira, no romance representada por Martins, seu amado, o colonizador português.

2 Frase de capa do jornal *O Sexo Feminino*. Essa nomenclatura permanece nas edições seguintes do jornal e funciona como uma espécie de slogan, entendido nos dias atuais como um recurso para marcar uma característica de certo produto veiculado na publicidade e em meios de comunicação.

3 Com o chamamento: "Avante, minhas patricias, a penna seja nossa arma", Senhorinha convoca as mulheres a escreverem para o jornal, atentando-se para o tema de educação do sexo feminino. Em 6 de dezembro de 1873 (exemplar 14), a jornalista pede que as *patricias* enviem artigos para o jornal que tratem de assuntos relevantes à "educação de nosso sexo e sua elevação na sociedade".

4 Exemplar número 6 do Sexo Feminino, 11 de outubro de 1873.

5 Anexo 2.

6 Anexo 3.

ANEXO 1

Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão na imprensa – *O Sexo Feminino*; tapem os olhos indiferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; rião os curiosos seu riso sardônico de reprovação á idéa que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os retrógrados com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterrâneas, chamando-as de utopias: *O Sexo Feminino* aparece, hade lutar, e lutar até morrer; morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.

O Século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres, e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de um *traste de casa*, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!!

Em vez de paes de família mandarem suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa, etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da língua nacional *perfeitamente* e depois, *economia e medicina doméstica, a puericultura, a litteratura* (ao menos a nacional e portugueza), *a philosophia, a historia, a geografia, a physica, a chimica, a historia natural*, para coroar esses estudos a instrucção moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras:

“Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!”

Não sirva de cuidado aos paes suas filhas, assim educadas e instruídas não saibão coser, lavar, engomar, cortar

ANEXO 2

Influencia da educação maternal sobre os filhos (Ano1, Nº.17, 7 de janeiro de 1874)

Innumeros exemplos a historia nos dá de que Deos tem concedido benevolo destino a muitos homens que forão educados por suas mães, e debalde tentarão os retrogrados negar a influencia benéfica que uma mãe sensível sem fraqueza, e religiosa sem rigidez, tem exercido sobre o caracter de seus filhos.

Uma mãe inspirará sómente virtude a seus filhos, não falará a seu coração inutilmente, mas penetrar-lhes-há n'alma sons sublimes que se erguerão até á Divindade.

Assim rodeada, desde o berço, a exemplos da mais tocante piedade, a graciosa creança caminhará na estrada do Senhor, protegida pela azas de sua mãe; o seu genio é como o incenso que espalha seu perfume na terra, mas que arde para o céu.

O que é uma creança para sua mãe? é uma alma que se trata de formar. Os bons professores fazem os bons estudantes: mas só as boas mães fazem homens virtuosos

Kant dizia que de sua mãe havia recebido os bons sentimentos que tinha em sua alma.

Mães! Não se assuste a vossa fraqueza com o grandioso titulo de educadora! Não, nós não queremos impor-vos estudos pedantescos, nem deveres austeros; é á felicidade que pretendemos conduzir-vos: são os nossos direitos postergados, que desejamos reaver; são as nossas forças e a vossa soberania que invocamos; é em fim, convidando-vos a percorrer a estrada afortunada da virtude e do amor que nos prôpuzemos a pedir que vos instruaes, para que possais educar vossos filhos nos são princípios da moral.

Com esse movel conseguiremos a paz do mundo, a ordem das familias, a gloria de nossos filhos e a ventura da humanidade.

Espiritos pouco reflectivos nos accusarão talvez de querermos resuscitar as mulheres sábias.

Descansem, lhes pedimos, e dizemos-lhes: com a elevação da mulher á altura e gráo de civilização que lhe compete, o nosso fim longe de egoistico, é mais grandioso, é temente á verdadeira educação dos filhos e

ANEXO 3

O que queremos (Ano 1. Número 8, 25 de outubro de 1873)

É natural que mais de um desses espíritos retrógrados que compõe nossa actual sociedade tenha feito esta interrogação. É bem provável que os indiferentes, os pessimistas, e os cegos por vontade, igual pergunta se tenham feito.

Força é responder-lhes.

É facto por de mais averiguado, que os homens se tem descuidado de ornar o espírito da mulher, contentando-se em enfeitar-lhe o physico, lisongeando-lhe a vaidade.

É innegavel que a mulher (salvo poucas excepções) vive na mais completa ignorância de seus direitos, desconhecendo até aquelles em que a legislação do paiz a considera solidária – qual é a outorga na alienação de bem immoveis.

Quantas mulheres casadas ignorão que o marido não póde dispor por maneira alguma de um immovel do casal sem seu especial consentimento.

Quantas, em taes negócios, não são illudidas por esses maridos, que as arrastão para assignar uma escriptura publica, em que ellas machinalmemnte garatujão sua assignatura?

O estado de crassa e supina ignorância em que jazem as mulheres, as mãis de família, sempre enganadas por seus maridos faz com que muitas vezes ellas deitem-se na supposição de *serem ricas* e acordem outro dia na mais *triste realidade* de que não possuem cousa alguma e *são pobres e paupérrimas*, porque seus maridos esbanjando o *patrimonio*, estragou-o entregando-o aos *credores* que com *a lei na mão* vem reclamar o seu direito?

Só então é que taes mulheres se apercebem de abismo que tem diante dos olhos! E não é muito de estranhar que taes maridos em occasiões destas coroeem a obra de suas trapaças, abandonando mulher e filhos!!

Muitos maridos sentem que suas mulheres não tenham instrução para, em sua ausencia, tomarem a si seus negócios, pondo e dispondo como elles proprios o farião.

Outros maridos há que *bem-dizem* essa ignorância, e dão graças á sua sorte de que suas mulheres não entendão de seus negócios, de negócios, como elles dizem em que mulheres *não se devem* intrometer!

Quantos pais por ahi não vivem em um labutar desabrido para preparar um dote á suas filhas e depois entregala-la em corpo e alma a um *genro* que pouco se lhe dá um esbanjar esse dote que obteve por meio do casamento que para elle não foi um fim, mas sim um meio de obter fortuna sem trabalho?

O fim do casamento na sociedade nunca foi outro senão legitimar a *união do homem com a mulher*, para que assim unidos vivão e se amem, como o Christo amou a sua igreja. (Patemização)